

Guerra pela eternidade | Luiz Marques

27/03/2021

“Em tua casa / Berram alto o que é mentira,

Mas a verdade / Tem de calar-se / É assim?”

– Bertold Brecht –

Em 2020, foi lançado um livro que agora merece resenhas: *Guerra da Eternidade – O Retorno do Tradicionalismo e a Ascensão da Direita Populista*, do norte-americano Benjamin Teitelbaum. O autor afirma que os governos dos Estados Unidos (então Donald Trump), do Brasil (ainda Jair Bolsonaro) e da Rússia (Vladimir Putin) são influenciados por Steve Bannon, Olavo de Carvalho e Aleksandr Dugin. Os três (o guru, o professor e o estrategista) mantêm discípulos nas respectivas administrações centrais de seus países e têm em comum a adesão a uma obscura filosofia, o *Tradicionalismo*, formulada por um obscuro filósofo francês, René Guénon, no início do século XX com o nome de *Perennialismo*.

Trata-se de uma seita de tipo peculiar, em torno: *“De um conjunto quase caótico de ideias que oscilam entre a revolta contra o mundo moderno e a contemplação de ciclos de tempo... a despeito de diferenças substantivas que resultam até mesmo em posições geopolíticas diametralmente opostas (Eurásia)”*, destacam Adriane Sanctis e Luciana Silva Reis na resenha *A Destruição como uma Política do Espírito* (Quatro Cinco Um, março/2021). A estranha seita é composta por *homens espirituais* que consideram as religiões atuais uma forma superficial de espiritualidade, atinente aos *homens inferiores* impossibilitados de acessar uma forma de conhecimento superior. Noutras palavras, a *Tradição perene*.

Vê-se aí um eco distorcido da obra de Nietzsche sobre a metáfora do *Super-Homem* e da subdivisão entre *almas senhoriais* e *almas servis*, sendo as primeiras as únicas capazes de instaurar uma nova civilização para a humanidade. Creem que na religiosidade atual acham-se apenas resíduos da religião original, de matriz indo-europeia, que se perdeu. Seu trabalho (de Sísifo, logo, irrealizável) consistiria em juntar os raros cacos dispersos.

Tradicionalistas/Perennialistas comungam a rejeição ao ateísmo e ao humanismo, e apregoam uma volta à submissão da mulher com o retorno do patriarcado. Sem um sistema epistemológico articulado, aos moldes de Kant e Hegel, fazem desse *handicap* teórico uma vantagem por prescindir da coerência. O denominador comum de Bannon, Carvalho e Dugin residiria na crítica radical, difusa e amiúde incoerente às conquistas da ciência: *“da tabela periódica, da física nuclear, da lâmpada, da penicilina, da vacina”*, conforme Antônio Mammi noutra resenha *Os Apóstolos da Destruição* Ibidem). Reconhecer a ciência enfraqueceria sua crítica à Idade Moderna. O que soa um estúpido exotismo, seria um componente da denegação da modernidade no intuito de alcançar um mundo perene. A noção de progresso é-lhes estranha, independente dos fatos. Vivem na Terra Plana.

Teitelbaum sublinha que a noção de tempo dos Tradicionalistas/Perennialistas é construída de forma não-linear. Incorporam do hinduísmo a crença de que a história é *cíclica* e se repete a cada *quatro* estágios, *“sempre decaindo, da era do ouro à era sombria”*. Subscrevem as tonterias do pensador italiano fascista, Julius Evola, responsável pelo legado de Guénon. Os *ciclos* estariam relacionados à dominação de *castas*. As idades grandiosas teriam como classes dominantes os *sacerdotes* (homens arianos de espírito), depois os *guerreiros*. A seguir viriam as classes decadentes, os *comerciantes* e, a rapa do tacho, os *escravos*. A ralé espiritual. O último dantesco círculo do inferno (a esfera Judeca, em referência ao traidor Judas Iscariotes) estaria sob égide da *democracia liberal* e do *socialismo*. Para os quais, o desdobramento do progresso traria

tão somente (sic) mais liberdade e igualdade.

Bannon, porém, em lugar da hierarquia que celebra os sacerdotes, enaltece a persona do *self-made man* ao elaborar um ideal mais acessível àqueles menos intoxicados pela modernidade, a exemplo da classe operária (branca) e sobretudo do campesinato. Carvalho exprime ideia semelhante ao identificar na população cristã rural dos Estados Unidos uma *reserva oculta* da energia espiritual antimoderna. É essa mobilidade social que vai servir de trampolim para a direita *populista* (o conceito é controverso), na onda que nasce democrática e torna-se antidemocrática ao acumular força entre cidadãos comuns.

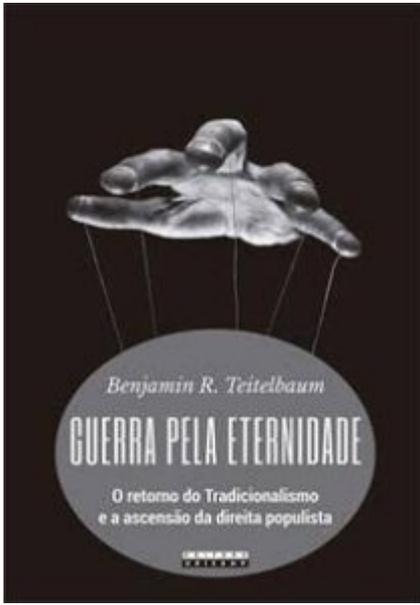
A utopia Tradicionalista/Perennialista não pretende mudanças, seja para regressar ao passado, seja para direcionar-se ao futuro. Aspira, antes, “*um estado de coisas permanente*”. A chance de “*revelar à humanidade a existência de um ‘núcleo espiritual’ que é deixado de lado pelas perniciosas visões materialistas*”, alavancadas tanto pela democracia liberal quanto pelo socialismo. “*A modernidade, uma época por excelência materialista, é o contraponto perfeito da Tradição em que a espiritualidade é a força motriz da sociedade*”. As abstrações relativas a uma suposta espiritualidade e a metapolítica da eternidade é que moveriam a história: não a práxis assentada no realismo político. Não a política propriamente.

“*É também pela metapolítica que esses personagens (Bannon, Carvalho, Dugin) alimentam um sentimento antissistema, que se mistura com nacionalismo e anti-globalismo. Um dos ingredientes fundamentais dessa atuação é deslegitimar os sistemas modernos de compreensão do mundo – a ciência, por óbvio, e as pessoas e os lugares convencionais ligados à produção de conhecimento, como as escolas e universidades*”, reiteram Sanctis e Silva Reis. O combate aos pesquisadores e intelectuais é parte da disputa ideológica.

Teitelbaum classifica como tática a influência do guru, do professor e do estrategista sobre os governantes estadunidense, brasileiro e russo. A meta é a destruição e a desmobilização do próprio governo. “*Uma maneira de fazer isso é começar pelo topo, colocando pessoas em posições de poder que sejam hostis às instituições a que servem*”, ensina Bannon. No Brasil, não provoca nenhuma surpresa a sugestão. Basta dar uma olhada nos ministros do desgoverno destrutivo de Bolsonaro, para constatar que a lição foi aplicada.

Para encerrar, cabe evocar a parábola que Teitelbaum usa para abrir o livro sobre a *Guerra pela Eternidade*. Fala de um homem que quer derrotar um tigre e conseguir sua liberdade, mas não o confronta. Fica montado no felino à espera que ele envelheça e enfraqueça, a fim de acertar-lhe o golpe fatal. A metapolítica, por intermédio da cultura, visa colocar o poder político a serviço da destruição do *establishment*, imobilizando os tempos modernos. Como se conclui, o Tradicionalismo/Perennialismo desenvolve uma visão *racista* e *apocalíptica* com uma propensão *simplificadora* da complexidade do real, com potencial de sucesso num período de tantas incertezas cognitivas, como na cruel pandemia. Nossa tarefa é fazer com que o *tigre* (a modernidade) liberte-se do *parasitismo* da extrema-direita neofascista. O passo inicial está em salvar o povo do genocídio premeditado pelo facínora.

- **Luiz Marques** é professor de Ciência Política, UFRGS



Compartilhe nas redes: